



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I**

**CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTE
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

JAMILTON FERREIRA DA SILVA

**UNIDADES NEOLÓGICAS NA TERMINOLOGIA DA COVID-19: ASPECTOS
MORFOLÓGICOS E SEMÂNTICOS**

**CAMPINA GRANDE - PB
2021**

JAMILTON FERREIRA DA SILVA

**UNIDADES NEOLÓGICAS NA TERMINOLOGIA DA COVID-19: ASPECTOS
MORFOLÓGICOS E SEMÂNTICOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento do Curso do Curso de Licenciatura Plena em Letras – Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Me. Raniere Marques de Melo

**CAMPINA GRANDE - PB
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586u Silva, Jamilton Ferreira da.

Unidades neológicas na terminologia da Covid-19[manuscrito] : aspectos morfológicos e semânticos / Jamilton Ferreira da Silva. - 2021.

43 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2021.

"Orientação : Prof. Me. Raniere Marques de Melo, Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC."

1. Neologismos lexicais. 2. Morfologia. 3. Semântica. 4. Pandemia da Covid-19. I. Título

21. ed. CDD 410

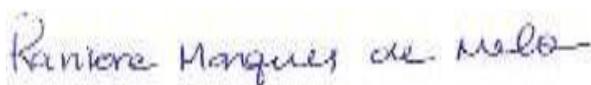
JAMILTON FERREIRA DA SILVA

UNIDADES LEXICAIS NEOLÓGICAS NA TERMINOLOGIA DA COVID-19: ASPECTOS MORFOLÓGICOS E SEMÂNTICOS

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Departamento do Curso de Licenciatura Plena em Letras – Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras.

Aprovada em: 21/09/21.

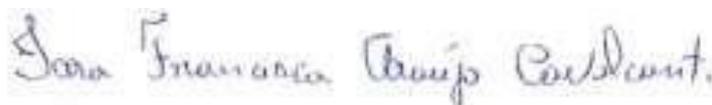
BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. Raniere Marques de Melo (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Manassés Morais Xavier
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)



Profa. Dra. Iara Francisca Araújo Cavalcanti
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu pai, Amilton Ferreira da Costa, *in*
memorian, com muito amor e saudade.

*“Foi o tempo que dedicaste à tua rosa que
a fez tão importante”.*

(Antoine de Saint-Exupéry)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pelo dom da vida, por sempre iluminar os meus caminhos e pensamentos.

Aos meus pais, Amilton Ferreira da Costa (*in memoriam*) e Severina Rodrigues. À minha irmã, Jamille Yone, e ao meu sobrinho, Yuri Moisés, que sempre acreditaram em minha capacidade e estiveram comigo nos momentos mais difíceis e felizes de minha vida.

À minha noiva, Leonora Cavalcante, que, apesar dos obstáculos, sempre me apoiou e compreendeu que essa caminhada não seria fácil, sempre provou e mostra diariamente o valor da palavra companheirismo. Obrigado por tudo, amor.

Aos meus colegas da graduação, Nilson Barbosa, Jéssica Roberta, Adna Sousa, Tatiane Fernandes, Jefferson Lobo, Ana Daniele e Natalia Pinto, pelos laços de amizade fraterna.

Aos meus amigos do Grupo Ximbó, Leivson Apollo, Eduardo Vicente, Rafael Mendes, Adenilson Borba, Ramon Oliveira, Jhonatan Alisson, Ronaldo Andrade, José Francisco, Victor Keicharque. Sou grato pela amizade, apoio e companheirismo nas viagens a Campina Grande-PB.

Ao corpo docente da UEPB, em especial, aos professores Marta Anaísa, Diógenes Maciel, Linduarte Pereira, Alfredina Rosa Vale, Rinaldo Brandão e Ana Lúcia pelos momentos de reflexão e contribuição em minha formação acadêmica e pessoal.

Ao professor, orientador, amigo e guerreiro Ranieri Marques de Melo que nesse momento de grande peleja, lutou bravamente ao meu lado, contribuindo para a realização desse momento tão especial e importante na minha vida. Grato pelo total apoio, cuidados, pontualidade e contribuições nas leituras sugeridas para a realização desse trabalho.

Aos funcionários da UEPB, pelo cuidado com os nossos locais de pesquisa e prontidão quando solicitados.

RESUMO

Os neologismos são as expressões novas que, na maioria das vezes, nascem da necessidade de nomear um novo conceito ou uma realidade que adquire mais relevância e que não existia antes. Quais sentidos são construídos em palavras neológicas presentes nos usos linguísticos a partir da pandemia de COVID-19? O objetivo geral deste trabalho é detalhar os aspectos morfológicos e semânticos envolvidos nos neologismos e estrangeirismos em torno da Covid-19; como objetivos específicos, pretendeu-se: descrever o processo de formação de palavras neológicas em tempos de COVID-19, bem como apresentar e analisar os efeitos de sentido que se mantém nessa inovação lexical por meio do neologismo. O procedimento metodológico adotado foi a revisão bibliográfica com abordagem qualitativa e com característica descritiva. A literatura consultada, especialmente com Kehdi (2003), Basílio (2004), Correia e Almeida (2012), Faraco (2005), Lucchesi (2004; 2012) e Saussure (2012), refere que situações inusitadas provocam o surgimento de novas palavras que, embora sejam neologismos, devem seguir as regras da gramática. Os neologismos podem ter duração curta ou longa, dependendo do uso que os falantes farão deles. Concluiu-se que as palavras não são estáticas, elas evoluem e se modificam para explicar a necessidade que a sociedade atravessa em determinada ocasião e se essas mudanças terão continuidade ou não será determinado pelos próprios falantes.

Palavras-chave: Neologia. Formação de palavras. Pandemia. COVID-19.

ABSTRACT

Neologisms are new words that most often arise from the need to name a new concept or reality that acquires more relevance and that did not exist before. However, for a word to become a neologism it must spread and actually become part of the language. The general objective was to detail the morphological and semantic aspects involved in the neologisms around Covid-19; as specific objectives it was intended: to describe the process of word formation (derivation, composition and recomposition); present the aspects that involve language change; highlight how the lexical neologism occurs; demonstrate the relationship between Covid-19 and the creation of neologisms. The methodological procedure adopted was a literature review with a qualitative approach and descriptive characteristic. The consulted literature mentions that unusual situations cause the emergence of new words that, although they are neologisms, must follow the rules of grammar. Neologisms can be of short or long duration, depending on the use that speakers will make of them. It was concluded that it is not possible to predict how long the new words formed as a result of the Covid-19 pandemic will last in the Portuguese language lexicon.

Keywords: Neologism. Word formation. Pandemic. Covid-19.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS.....	11
2.1 Derivação e composição	11
2.2 Recomposição.....	14
3. NEOLOGISMO LEXICAL	16
4. ASPECTOS QUE ENVOLVEM A MUDANÇA LINGUÍSTICA	23
4.1 Variação semântica.....	29
5. COVID-19 E OS NEOLOGISMOS	34
5.1 Gírias, jargões e memes decorrentes da Covid-19.....	38
6. CONCLUSÃO	40
REFERÊNCIAS	41

1 INTRODUÇÃO

Os neologismos são as expressões novas, ou seja, termos ou frases que até pouco tempo não faziam parte da língua em que foram introduzidos. Eles, geralmente, surgem da necessidade de dar nome a um novo conceito ou a uma realidade que adquire mais relevância que no período anterior. Para que uma palavra se transforme em neologismo, não basta inventá-la, uma vez que o uso dessa palavra, quer soe bem ou não, deve difundir-se e tornar-se, de fato, parte da língua.

Por isso, a cada ano, após um processo de análise e avaliação, cada dicionário insere em sua própria versão, para o ano seguinte, os neologismos que se difundiram na fala e na escrita por um período suficientemente representativo. Esse processo não representa uma aprovação do organismo linguístico que decide inserir a nova palavra no dicionário, mas uma simples observação da frequência da sua utilização.

Observar os neologismos criados a partir de 2020 também serve para refazer sua história e entender o que foi relevante desde a ocorrência de novas palavras. Inevitavelmente, muitos neologismos de 2020 dizem respeito à pandemia do novo coronavírus, à centralidade desse tema e às mudanças na vida das pessoas que obrigaram a adoção de novos termos no cotidiano.

A justificativa para a escolha deste tema é que muitas mudanças ocorreram na língua. Muitas delas se incorporaram da língua para a oralidade, muitas outras desaparecerão em poucos meses; algumas estão registradas em dicionários, outras não. Mas se todos os anos ocorrem esse fato e se criam neologismos, continuar pesquisando sobre isso é importante porque as palavras são o melhor registro dos acontecimentos que ocorreram durante o ano e porque os neologismos, em virtude da pandemia de Covid-19, seguiram um processo bastante singular, diferente do usual, a começar pelo fato de que basicamente as mesmas palavras foram criadas e veiculadas em todo o planeta (empréstimo linguístico).

Assim, diante desse panorama, a questão que nos instiga a pesquisar é: como ocorreu o processo de formação de novas palavras, o neologismo, em tempos de pandemia da Covid-19?

O objetivo geral deste trabalho é detalhar os aspectos morfológicos e semânticos envolvidos nos neologismos em torno da Covid-19; como objetivos

específicos, pretendeu-se: descrever o processo de formação de palavras neológicas em tempos de covid-19, unificando a escrita, bem como apresentar e analisar os efeitos de sentido que se mantêm nessa inovação lexical por meio do neologismo.

O procedimento metodológico adotado foi a revisão bibliográfica com abordagem qualitativa e com característica descritiva por ser um estudo detalhado, que analisa minuciosamente um objeto de estudo específico: O tema de pesquisa é conhecido, havendo literatura disponível sobre o assunto e o objetivo do pesquisador foi aprofundar os conhecimentos sobre o tema.

A pesquisa foi baseada no acervo da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), no acervo da *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), nas bibliotecas virtuais das universidades públicas e no Google Acadêmico, nos periódicos Domínios de Lingu@gem (2011), Estudos Linguísticos (2012), Revistas Unama (2017), Revista Quero (2020), Fórum Linguístico (2011), Jornal O Alto Taquari (2020), Diário da Região (2020), Extra (2021), *Disciplinarum Scientia* (2010) e *VejaRio* (2020), de maio a agosto de 2021. Os critérios de inclusão foram: obras escritas em língua portuguesa ou traduzidas, disponibilizadas na íntegra e gratuitamente, que apresentassem duas ou mais das palavras-chave: neologismo, neológico, formação de palavras, pandemia, Covid-19, derivação, composição, mudança linguística, combinadas ou separadas. Foram excluídas as obras que não atendessem a esses critérios e que não tivessem cunho científico.

Para estruturar este trabalho, dividimos em seis capítulos, iniciando-se por esta introdução na qual constam o tema e os objetivos da pesquisa. O segundo capítulo trata da descrição do processo de formação de palavras, com enfoque na derivação, composição e na recomposição; no terceiro capítulo, foram apresentados os aspectos que envolvem a mudança linguística; o quarto capítulo apontou como ocorre o neologismo lexical; no quinto capítulo, foi demonstrada a relação entre Covid-19 e a criação de neologismos; no sexto capítulo, constou a conclusão, com as considerações finais sobre a pesquisa.

2 PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

A língua passa por muitas e variadas mudanças em qualquer lugar que ela ocupe, passando por diversas variações nos diferentes espaços, e isso ocorre porque a sociedade sofre evoluções e com o idioma não teria como ser diferente, já que ele precisa seguir as tendências que marcam cada época, pois são os próprios indivíduos os responsáveis pelas mudanças que surgem na língua, procurando adequá-la para atender os seus interesses e, com esse processo, não ocorre simplesmente à geração de uma palavra a partir de outra como também há mudanças de significados (NASCIMENTO; COSTA; SILVA, 2017).

Em relação à formação de palavras, ou processos de formação lexical, cuja origem é do latim, essencialmente, podem ser distintos dois processos: a derivação e a composição. A derivação ocorre quando uma palavra é formada por um radical, no qual se anexam afixos, que podem ser prefixos ou sufixos (derivação prefixal ou sufixal). Há vários tipos de derivação, podendo ser prefixal, sufixal, parassintética, regressiva e abreviação, imprópria ou conversão (CRUZ *et al.*, 2021).

Em relação à composição, ela pode ocorrer pelo processo da justaposição ou da aglutinação, de acordo com Kehdi (2003). Há, ainda, outros processos de formação de palavras, como a recomposição, que será tratada mais adiante. Inicia-se com a apresentação da derivação e da composição.

2.1 Derivação e composição

A derivação é assinalada pela conexão de um afixo (sufixo ou prefixo) a uma base, compondo uma palavra, exemplo: retratista (base = retrato + sufixo = -ista), reler (prefixo = re- + base = ler); quando a derivação for composta por base + prefixo, será uma derivação prefixal; já se for formada por base + sufixo, será denominada derivação sufixal (BASILIO, 2004).

A derivação prefixal e sufixal ocorre quando à base são acrescentados um prefixo e um sufixo; no entanto, a derivação prefixal e sufixal não deve ser confundidas com a derivação parassintética, e a diferença entre elas se deve ao fato de que, na derivação prefixal e sufixal, tanto o prefixo quanto o sufixo podem ser retirados e o resultado será uma palavra já existente no dicionário da língua

portuguesa, não havendo exigência para o acréscimo simultâneo dos dois afixos, situação que não se aplica à derivação parassintética (KEHDI, 2003).

Contudo, a diferença entre prefixo e sufixo não se deve simplesmente a sua localização na palavra, pois os prefixos se agregam exclusivamente a verbos e a adjetivos, sendo um tipo de vocábulo que se associa ao verbo; note-se, como exemplo, que o particípio pode ser flexionado em gênero e em número, como ocorre com o adjetivo: construído / construída / construídos / construídas (KEHDI, 2003).

A derivação parassintética, ou parassíntese, refere-se a um dos processos de formação de palavras no qual ocorre a união simultânea de dois afixos (prefixo e sufixo) ao adjetivo ou substantivo - diferente do que ocorre na derivação prefixal e sufixal em que os afixos se unem ao verbo e / ou adjetivo – para a formação de um verbo (SANTANA, 2021; KEHDI, 2003) Conforme já mencionado, é comum a confusão com a derivação prefixal e sufixal em virtude de, nos dois casos, haver a junção de dois afixos.

Outro tipo de derivação é a regressiva que se trata de um tipo de derivação que suprime a palavra primitiva, dando origem a outra palavra derivada; por exemplo:

Ele é um portuga muito legal (portuga = português). As palavras primitivas dão origem às derivadas, como debate (do verbo debater); perda (de perder). Nota-se que, na derivação regressiva, uma nova palavra é formada a partir do verbo, originando-se um substantivo chamado, por isso, de substantivo deverbal (LIMA, 2010).

Análogo à derivação regressiva, a abreviação é outro processo de formação de palavra que reduz a palavra primitiva, mas que se caracteriza por outros elementos típicos. Na derivação regressiva ocorre também a mudança de classe gramatical (de verbo para substantivo); porém, na abreviação, mesmo com o vocábulo reduzido, a classe gramatical não muda, exemplos: extra (adjetivo) vem de extraordinário ou extrafino (também adjetivos); cine (substantivo) vem de cinema (também substantivo); foto (substantivo) vem de fotografia (substantivo) e assim por diante (KEHDI, 2003).

Não apenas a derivação pode provocar a mudança de classe de palavras, a conversão também pode ser responsável pelo fenômeno quando uma palavra de determinada classe adquire as propriedades de outra classe, porém sem um marcador morfológico correspondente. A derivação imprópria, também chamada

de conversão, é um tipo de derivação que acontece pela mudança de classe gramatical da palavra. Ou seja, a formação de uma nova palavra é obtida pela mudança da função gramatical (substantivo, adjetivo, verbo, advérbio, etc.) na frase; como vimos, alguns gramáticos chamam esse processo de derivação imprópria. Trata-se de uma designação apropriada por não se tratar, exatamente, de uma derivação, mas da expansão das características de uma palavra que passa a ser empregada em contextos específicos de outra classe (BASILIO, 2004).

Alguns exemplos de derivação imprópria:

- a) de substantivo próprio a comum: *quixote* — *macadame* — *champanha*;
 - b) de substantivo comum a próprio: *Figueira* — *Ribeiro* — *Fontes*;
 - c) de adjetivo a substantivo: *circular* — *brilhante* — *ouvinte*;
 - d) de substantivo a adjetivo: *burro* — (guerra) - *relâmpago*;
 - e) de substantivo/adjetivo/verbo a interjeição: *Silêncio!* — *Bravo!* — *Viva !*;
 - f) de verbo a substantivo: *afazer* — *pesar* — *andar* — *quebra* — *vale* — *pêsame*;
 - g) de verbo e advérbio a conjunção: *quer...quer* — *seja...seja* — *ora...ora*
 - h) de adjetivo a advérbio: (falar) *alto* — (custar) *caro*;
 - i) de particípio (presente/passado) a preposição: *mediante* — *salvo* — *exceto*;
 - j) de particípio passado a substantivo e adjetivo: *resoluto* — *vista* — *ferida*;
 - k) de palavras invariáveis a substantivos: (o) *sim* — (o) *não* — (o) *porquê*.
- (KEHDI, 2003, p. 30).

Dessa maneira, ponderando que essas palavras, ao mudar de classe, mudam também o seu sentido, diversos gramáticos afirmam que esse processo faz parte da semântica e não da morfologia. Cabe ao estudioso analisar as fronteiras entre o morfológico e o sentido, imbricando-os e especificando-os. Contudo, existem elementos formais característicos dessa formação que a inclui no campo da semântica e, ainda, os vocábulos descritos acima se juntam em grupos que não é possível notar apenas pela enumeração (KEHDI, 2003).

O outro processo de formação de palavras é a composição, marcada pela união de uma base com outra para formar uma nova palavra, por exemplo: guarda-chuva, sociolinguística. Existem dois tipos de composição, por justaposição e por aglutinação. Na justaposição, duas ou mais palavras se unem para formar uma nova palavra, porém em nenhuma palavra primitiva alteram-se os elementos, por exemplo: *passatempo*, *sempre-viva*. Na aglutinação, também duas ou mais palavras se fundem para formar um novo vocábulo, mas com perda de elementos de uma das duas palavras primitivas e a acentuação tônica da nova palavra fica subordinada, geralmente, ao último elemento, como em *planalto* (BASILIO, 2014).

Para Kehdi (2003), a diferença entre a composição e a derivação é que na primeira ocorre a formação lexical quando existe a combinação de duas palavras já existentes, como em amor-próprio e ganha-pão, enquanto na derivação há apenas um radical ao qual se unem os afixos; na composição é necessário haver ao menos dois radicais. É interessante observar que, na palavra composta, os vocábulos primitivos mudam seu significado original em prol de um novo e único conceito.

Existe ainda a recomposição como processo de formação de palavras que tem alguma relação com os neologismos decorrentes da pandemia de Covid-19, que será tratada a seguir.

2.2 Recomposição

No processo da recomposição ocorre o encurtamento da palavra, anteriormente composta, em um radical que assume o significado da palavra composta original. Esse radical se une a outra forma livre da língua e compõe um novo vocábulo, porém, esse radical encurtado não vai preservar o sentido etimológico da palavra composta de onde ele se desligou. O que acontece é que a forma encurtada fica possuindo o significado completo da palavra composta anterior e adquire propriedades específicas, podendo agir como prefixo, quando não funciona sozinha, ou seja, quando não tem significado, como, por exemplo, o caso de eco-, elemento que vem do grego *oikos*, significando casa, habitat, mas que passou a compor palavras como ecologia, distanciando-se do seu significado etimológico (OLIVEIRA, 2014).

A recomposição é um processo de composição formada por um elemento que anteriormente, sofreu braquissesmia (formação de palavras que consiste na redução de uma mesma palavra sem a perda de valor semântico, não é atrelada com a derivação e nem com a composição de palavras) e depois se uniu a outra base.

Note-se o caso da palavra automóvel, que sofreu o processo de braquissesmia quando o primeiro elemento, auto, passou a, sozinho, ter o mesmo significado que a palavra primitiva (auto = automóvel). Quando há o acréscimo de outra base ao vocábulo auto, obtêm-se autódromo, que realmente se trata de uma recomposição, ocorrendo também com autorama, autoestrada e autopeças; observa-se o mesmo processo em telenovela, telespectador, telecurso e teleaula, palavras formadas a

partir de tele, que é uma forma braquissêmica que corresponde à televisão (MONTEIRO, 2002).

Contudo, existem alguns termos que não se identificam com prefixos, pois se trata de unidades lexicais autônomas da língua, funcionando exatamente como radicais, ou seja, como palavras da língua, como homo-. Dessa forma, no processo de recomposição, há dois tipos distintos de elementos morfológicos formativos, ou seja, aqueles que são presos e se comportam como prefixos e os que são livres e agem como radicais (OLIVEIRA, 2014).

As palavras formadas pelo processo de recomposição não são casos característicos nem de composição e nem de derivação, já que os vocábulos recompostos sofreram mudança morfossemântica e que o processo de formação de palavras por recomposição é uma operação difusa, pois possui tanto propriedades da composição quanto da derivação, levando-se a acreditar que a recomposição está na fronteira entre a derivação e a composição, ou seja, é um dos processos da morfologia que transitam no *continuum* morfológico (GONÇALVES, 2011).

Por vezes, as mudanças que ocorrem na sociedade justificam, ou até exigem, a criação de novas palavras, os neologismos, assunto do próximo capítulo.

3 NEOLOGISMO LEXICAL

A criatividade linguística constitui uma fonte eficaz e renovadora do léxico, que confirma a vitalidade da língua e propicia a geração e formação de novos termos para designar os produtos resultantes dos avanços científicos e técnicos que proliferam a uma velocidade vertiginosa nas sociedades.

Essa geração terminológica ou de criação neológica, que ocorre de forma incessante e constante, é capaz de penetrar e unir as linguagens políticas, literárias, religiosas, científicas, técnicas, acadêmicas e até artísticas, fazendo parte do léxico que se maneja nessas diferentes áreas do conhecimento. Apesar das vantagens oferecidas por tal produtividade lexical, muitas vezes, ela não atende aos cânones normativos de forma que a criação neológica satisfaça algum vácuo linguístico. Isso se deve ao fato de utilizar recursos assistemáticos como erros linguísticos, violação das regras de formação de palavras, criação de novos termos para substituí-los pelos existentes, entre outros, que impedem a inteligibilidade do neologismo criado (CORREIA; ALMEIDA, 2012).

Quando as produções literárias infantis e juvenis contemporâneas são analisadas, pode ser observado o uso frequente de formações neológicas na composição textual e nota-se que a intenção dos seus autores é a de produzir humor e de brincar com a elaboração das palavras, matéria-prima que é colocada ao seu dispor. Ao produzirem suas narrativas ou poesias, dão preferência à ludicidade e à expressividade.

Em consequência, os elementos de expressão da língua, ao comporem esteticamente o cenário textual em seus vários aspectos (semântico, fonológico, morfossintático e lexical) atribuem forma e conteúdo à linguagem literária, utilizando o jogo verbal no que diz respeito, não apenas à correção e à adequação, mas especialmente à criatividade linguística, possibilitando que o texto literário seja o cenário perfeito para uma ampla manifestação da língua portuguesa em todas as suas probabilidades, criando uma relação de afinidade entre texto e leitor que proporciona conhecimento, ludicidade e prazer (CAMPOS, 2012).

A neologia se refere à criação de palavras novas que são necessárias para nomear novas situações, novos conceitos, fatos novos que são assim denominados por certo tempo, até deixarem de ser novos, pois a novidade só dura por um determinado período. Não é diferente com as palavras, após algum tempo, se forem

aprovadas pelo uso, serão anexadas aos dicionários e deixarão de ser tidas como neologismo, passando a vocábulo incorporado ao léxico (BRAZ, 2003).

O conceito de neologia, porém, é mais antigo que o surgimento do próprio termo, pois desde sempre, ele acompanhou o desenvolvimento do estoque lexical das línguas do mundo todo. Nos estudos sobre a história da língua portuguesa, são feitas diversas referências á neologismos. Desde o século XVI, quando os portugueses saíram pelo mundo a fim de colonizar outras terras e de expandir os seus territórios, houve o contato com os nativos conquistados que não apenas serviu para difundir a língua portuguesa como também a tornou suscetível de ser influenciadas por outras línguas, em especial, as orientais. No português praticado no Brasil, especificamente, houve muita influência das línguas indígenas no léxico e a chegada dos africanos contribuiu ainda mais para a expansão lexical (ALVES, 2007).

Contemporaneamente, os sucessivos avanços tecnológicos têm contribuído para a criação de neologismos, sendo que vários são criados apenas por modismos e por motivos menos nobres, pejorativos e irônicos, como os palavrões e algumas gírias. Os neologismos são criados pela facilidade proporcionada pelas propriedades da própria linguagem que facilitam esse processo linguístico. Um fenômeno que colabora para a criação de neologismos é a tendência do ser humano de nomear, de classificar, de atribuir conceitos, tendo como resultado a inovação e renovação do vocabulário pelo uso de neologismos (NEVES, 2021).

Portanto, neologismos são determinados usos, expressões e palavras que tradicionalmente não existiam em uma língua, mas que nela se incorporam pela necessidade de adaptação à realidade de seus falantes. Ou seja, são aquelas novas palavras e reviravoltas que os falantes incorporam em uma linguagem, à medida que surgem novas coisas para nomear e novas formas de fazê-lo. Eles são exatamente o oposto de arcaísmos.

A partir da década de 1970, o conceito de neologia passa a ser polissêmico. O incremento dos estudos terminológicos, tanto os entendidos sob um ponto de vista meramente descritivo, como também a partir de uma perspectiva normalizadora, que estimula a criação de novos termos, redimensiona as características do fenômeno neológico. O neologismo passa, então, a desempenhar uma importante função não apenas na língua geral, do cotidiano, mas também nas especialidades, e passa a ser definido pela Norma ISO 1.087/2000, que trata do vocabulário da terminologia,

como “termo de criação recente ou emprestado há pouco tempo de uma língua estrangeira ou de uma outra área do conhecimento.” (ISO, 2000).

Dessa forma, o conceito de neologia, que de início se tratava somente dos aspectos linguísticos do processo de formação de novas palavras, obteve uma evolução em virtude das políticas de reestruturação linguística que começaram a surgir nos países e nas comunidades linguísticas. A neologia passou, então, a se relacionar mais estreitamente com a terminologia, porque o ato de nomear um conceito, que existiu desde sempre, passa a ser realizado no campo de uma perspectiva de planejamento e de intervenção linguística, acarretando a criação de denominação específica para o neologismo terminológico como neônimo e neotermo (ALVES, 2007).

A criação de novas palavras ocorre para dar conta das necessidades que são impostas à comunicação. A alternância de classe gramatical (por exemplo, a sufixação de verbos para formar substantivos) e a necessidade de um acréscimo semântico numa significação lexical básica (por exemplo, a prefixação, que não muda a classe gramatical, apenas o sentido de uma palavra), constituem dois motivos para se formarem novas palavras (RESENDE, 2014).

Embora se trate de novas palavras, a criação dos neologismos obedece aos mesmos processos de formação de palavras que já existem na língua portuguesa, sendo os principais a composição por aglutinação ou justaposição e a derivação (prefixal, sufixal, parassintética, regressiva e imprópria) conforme já apontado, e ainda outros processos como a abreviação, a combinação, o hibridismo, reduplicação e a recomposição, já descrita anteriormente.

Para além desses processos, a formação de neologismos pode ocorrer por importação e empréstimo de termos de outras línguas; trata-se dos estrangeirismos, que podem ter sofrido ou virem a sofrer, ou não, o aportuguesamento. Dependendo do uso, do reconhecimento e se houver dicionarização da nova palavra ela será incorporada ao léxico da língua portuguesa (NEVES, 2021).

Esses critérios para a formação de palavras aproveitando conteúdo linguístico que já existe é um mecanismo que faz da língua uma entidade de comunicação eficiente, já que de outra forma seria muito mais complicado e pouco prático; além disso, seria necessário um gigantesco arsenal de memória para captar e reter formas diferentes para ser utilizada para cada nova necessidade de empregar palavras em contextos e situações diferentes (BASILIO, 2004).

O aparecimento de neologismos é um processo comum e natural em todas as línguas que são forçadas a se adaptar e se atualizar, ou se tornar uma língua morta. Porém, uma palavra pode ser considerada um neologismo por certo tempo, pois uma vez incorporada e padronizada como parte da linguagem, ela simplesmente deixa de ser uma novidade. Os neologismos podem ter origens muito diferentes, mas seja qual for o procedimento e a lógica que os trazem à existência dentro de uma linguagem, eles são sempre vistos como tentativas da linguagem de se adaptar a uma realidade específica.

Como é de conhecimento geral, a realidade muda na medida em que surgem aparecem invenções científico-tecnológicas, novas formas de pensar ou novas necessidades afetivas de se expressar ou o surgimento de novos fenômenos que impactam todo o planeta, como é o caso da pandemia do novo coronavírus, e tudo isso requer um correlato na linguagem, ou seja, uma forma de dizer-se. Portanto, a necessidade de criar palavras é constante e inevitável.

Os mecanismos usuais de criação de neologismos não são muito diferentes daqueles tradicionalmente usados na história das línguas, tais como: as siglas. Ao adicionar as iniciais e primeiras letras de uma frase, novas palavras de valor lexical adequado podem ser obtidas usando-as e repetindo-as, mesmo esquecendo que inicialmente era uma forma de abreviatura. Este é o caso, por exemplo, da palavra laser que vem da sigla de *Light Amplification por Simulated Emission de Radiation* (amplificação de luz por emissão de radiação simulada) (CORREIA; ALMEIDA, 2012).

Este é um processo moderno e generalizado, no qual longas nomeações ficam reduzidas às letras iniciais das palavras que as constituem, como IBGE = Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, ONU = Organização das Nações Unidas, PT = Partido dos Trabalhadores. Separar as iniciais por ponto é facultativo, então, pode-se usar U.S.A. / USA, entretanto, prescindir do ponto se constitui em uma forte tendência. Quanto à leitura, também é facultativo pronunciá-las isoladamente - USA (u-esse-a) - ou como uma palavra, segundo as regras usuais de leitura da língua - ONU (ônu) – que tem o um uso mais aceito (KEHDI, 2003).

As instituições passaram a ser mais conhecidas por suas siglas que pela sua denominação completa, provocando que essas siglas passem a ser percebidas como palavras primitivas, ocasionando até mesmo formas derivadas como petismo e

petista (de PT), observe-se também que as siglas são um caso específico de abreviação (KEHDI, 2003).

O neologismo acaba transitando livremente pelas produções literárias, sejam ficcionais ou não, provocando mudanças de toda espécie, sintáticas e semânticas. A maneira como será utilizado vai depender da expertise do autor, que pode submeter a nova palavra às muitas variações possíveis em língua portuguesa.

Ao fazerem uso desses artifícios, os escritores demonstram conhecer o sistema linguístico e se apoiam em sua sensibilidade e intuição de artífices e artesãos da palavra para se expressarem através de todos os meios que a língua lhes oferece, numa harmonia bem trabalhada para gerar expressividade, pois ali nada parece artificial ou gratuito (CAMPOS, 2012, p. 01).

Há diversos tipos de neologismos e um deles é o semântico, ou seja, palavra que já existe e que recebe significado novo, como: laranja - falso proprietário; gato - roubo de energia; dar zebra - dar errado; palavras criadas por composição ou derivação, exemplos: infelizmente (derivado de feliz), reinventar (derivado de inventar) (MURÇA, 2020) e ainda dar um bolo (não comparecer ao encontro); dar a volta por cima (superar); fazer cera (fingir que trabalha) (NEVES, 2021).

Na literatura, novas palavras são criadas por escritores ou compositores para expressarem, de forma inusitada, o que querem dizer, como os neologismos de Ariano Suassuna: nonada (uma coisa que não é importante), circunsteza (uma tristeza circundante). Outros neologismos são de origem popular: palavras que surgem na comunicação coloquial de uma comunidade: apê (apartamento); sextar/sextou (MURÇA, 2020) e ainda: brinciações, abensonhadas, ladainhando, bichanar, lençolar (nas obras de Mia Couto); agonizantista, pacatice, deceptude, calunismo, patifento (nas obras de Dias Gomes) (NEVES, 2021).

Porém, mesmo quando as regras do processo de formação de palavras são respeitadas na criação do neologismo, pode haver muita resistência dos falantes em adotar o novo vocábulo na fala e, para que isso ocorra, será preciso que um número expressivo de pessoas abone o significado daquele novo significante. É devido ao aspecto conservador da língua que existe essa resistência, havendo sempre críticas ao novo elemento, entendido como desrespeito à língua.

Um exemplo dessa produtividade linguística foi o uso frequente do prefixo “pit”, que veio da palavra *pitbull*, raça de cachorros considerada violenta, e da qual

foi aproveitada a primeira sílaba (pit) para gerar outras palavras como *pitboy*, buscando-se nomear rapazes violentos da classe média que impunham a sua vontade pela força física; na sequência, vieram *pitmamãe*, *pitpapai*, *pitfamília* (BRAZ, 2003).

Existem muitos outros exemplos de incidência de neologismos, como o *ficante*, vocábulo empregado pelos jovens para nomear a pessoa com quem namora sem compromisso, ou *namorido*, para caracterizar o marido como um namorado na intenção de aparentar uma relação menos séria, mais descompromissada.

Mediante situações, comportamentos e necessidades inéditas o ser humano sente a obrigação de criar novas palavras para nomeá-las. Porém, é preciso apontar que mesmo os neologismos vivem sob regras gramaticais para o seu emprego e alguns se cristalizam e se tornam dicionarizados a partir do momento em ostentam uma existência lexical independente, neste caso encontram-se as palavras: *imexível*, *fumódromo*, *sambódromo*, entre tantos outros (BRAZ, 2003).

Como se não bastasse essa discussão, ainda é preciso considerar outros tipos de gêneros textuais: aqueles produzidos e que circulam pelos ambientes virtuais, porque, mesmo em se tratando de uma modalidade de gênero textual, essa produção possui configurações diferentes dos gêneros já conhecidos e que são impressos e orais (SANTOS, 2013).

O atual contexto histórico e a linguagem da internet geram diversos neologismos já comuns no cotidiano, principalmente dos jovens. Muitos estão ligados à política, economia e redes sociais. Alguns neologismos surgidos nos últimos anos:

Deboísmo: “filosofia” ou “religião” criada comicamente nas redes sociais que prega a tranquilidade, respeito e calma. Seu nome deriva da expressão “ficar de boa” e é representada pelo bicho-preguiça. Militar: além de se referir às forças armadas, o termo também se refere ao ato de protestar; é um verbo derivado do adjetivo militante. Mitar/Mitou: quando uma pessoa tem alguma ação exemplar ou faz algum comentário inteligente, com muitas repercussões nas redes sociais. Panelaço: ato de protestar batendo painéis e fazendo barulho. Curtir/curtida: ato de gostar, geralmente, de uma publicação nas redes sociais. Outra expressão com o mesmo significado é “dar like”, do inglês “gostar”. Tuitar: ato de publicar algo na rede social Twitter. Googlar: pesquisar algo no site do Google (MURÇA, 2020, p. *online*).

No mundo digital, os gêneros virtuais e as várias possibilidades de comunicação, em especial nas redes sociais, são menos rigorosos em relação à

comunicação formal, tendendo a encorajar o falante a tender para uma utilização linguística mais arrojada e mais natural. Dessa forma, é interessante que as palavras que circulam no mundo digital e virtual sejam vistas a fim de se entender como a comunicação linguística e suas inovações e reinvenções acontecem, transformando a língua, e a comunicação, de maneira geral (SANTOS, 2013).

O neologismo aparece quando se torna necessário uma nova forma de expressão para garantir mais eficiência na comunicação e essa necessidade pode ocorrer em qualquer área: na gastronomia, na medicina, na ciência, na moda, nas ciências humanas, na tecnologia, na arte, na engenharia, na publicidade, nos esportes, no marketing, na ecologia, na política etc.

Devido à sua natureza, alguns neologismos restringem-se a um contexto especializado. Isso é o que acontece com termos especializados ou tecnicismos. Por motivos diversos, alguns neologismos são válidos apenas por um curto período: o referente desaparece ou é rapidamente substituído, os falantes não se identificam com as palavras etc.

Mas um grande número de palavras ou significados é bem-vindo pelos falantes e são cada vez mais usados em discursos orais e escritos. A mídia e, no século XXI, as redes sociais contribuem para a propagação de neologismos que passam a fazer parte da linguagem em uso. A pandemia do novo coronavírus acrescentou palavras ao cotidiano do brasileiro, algumas oriundas de estrangeirismos outras de termos técnicos, outras formadas por derivação ou ainda por outras mudanças linguísticas.

Além dos processos de formação de palavras, ocorrem também mudanças linguísticas dependendo da época ou de fenômenos que exijam novos significados, como será abordado na sequência.

4 ASPECTOS QUE ENVOLVEM A MUDANÇA E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

As palavras não chegam a nossa língua totalmente formada ou em seu estado final. O significado das palavras evolui com o tempo, e a percepção do termo muda. Um bom exemplo disso é o uso em inglês da palavra *nerd* (que poderia ser traduzida como desajustado socialmente).

Embora originalmente fosse um termo pejorativo usado para insultar pessoas que viviam isoladas ou eram estranhas do ponto de vista social, hoje se tornou um símbolo de prestígio. Os *nerds* de hoje exibem experiência e confiabilidade, o que demonstra uma ideia da mudança de paradigma que a era da informação trouxe. Essa mudança se deve, em parte, ao sucesso econômico dos pioneiros do Vale do Silício, como Steve Jobs ou Bill Gates, cujas empresas hoje geram bilhões e lidam com mais dados sobre a vida diária das pessoas do que qualquer outro indivíduo até hoje.

Assim, a linguagem humana, ou o modo de se comunicar, está sujeita a sofrer constantes e várias modificações por conta de muitos fatores externos, como o meio social, e de vários internos, influenciando a estrutura das palavras, que também são afetadas, provocando sua evolução. Esse é um fenômeno que existe desde os primórdios da civilização, porque o ser humano evolui sempre social e linguisticamente e, desse modo, as palavras se transformam e se desenvolvem em conjunto com os sujeitos nas sociedades, pois a língua não existe sem os falantes (NASCIMENTO; COSTA; SILVA, 2017).

Nesses termos, Saussure (2012) apontou de que maneira o estudioso da linguística precisaria atuar para entender os fatos da linguagem. Dessa maneira, entendia Saussure (2012) que é da responsabilidade do linguista levar em conta as histórias das línguas para descrevê-la e para descobrir suas origens. Foi dessa forma que veio o conhecimento de que, no universo linguístico, acontece a variação linguística assim como suas transformações e mudanças, aspectos que são notados no decorrer histórico das línguas (FREITAS; SANTOS; SOUZA, 2019).

A fim de definir o objeto de estudo da linguística moderna, Saussure (2012) afastou a língua de seu devir histórico e, assim, ao definir a análise estrutural como somente sincrônica, o modelo saussuriano acabou se tornando incapaz de lidar com as mudanças inerentes à língua, criando pontos críticos no âmbito do modelo estruturalista, que se manifestam nas seguintes assertivas: (i) A mudança não atinge

o sistema linguístico; (ii) A mudança linguística não pode ser observada diretamente. (iii) A rigor, a língua não deveria mudar; (iv) A mudança/variação contraria o funcionamento da língua (LUCCHESI, 2012).

Assim sendo, surge a sociolinguística para ocupar o espaço deixado pelo formalismo linguístico que não foi capaz de tratar dos aspectos da mudança linguística. A sociolinguística, como um campo específico de estudo, desenvolveu-se principalmente a partir da década de 1960, que foi o marco do começo dos estudos mais sistemáticos na área.

Todavia, as origens da sociolinguística se situam bem antes, pois o termo foi utilizado em 1939 no título do artigo de Thomas C. Hodson, *Sociolinguistics in India*, publicado no periódico *Man in India*. Foi inicialmente usado pelo linguista Eugene Nida na segunda edição de seu *Morphology* (1949, p. 152), mas há também a atribuição do termo a Haver Currie, que usou o termo em um trabalho apresentado em uma conferência em 1949 e depois em uma publicação no *Southern Speech Journal* em 1952 (SALOMÃO, 2011).

Presentemente, os sociolinguistas têm se dedicado a analisar as relações entre o estigma linguístico e a mobilidade social, já que o preconceito linguístico ainda tem se manifestado fortemente, precisando ser discutido na área, pois ainda existe o predomínio de práticas pedagógicas balizadas em diretrizes maniqueístas que apontam o certo/errado tomando o padrão culto como único referencial a ser considerado (SALOMÃO, 2011).

Os estudos sociolinguísticos apresentam precioso aporte no combate ao preconceito linguístico e na relativização do conceito de erro, buscando a descrição do padrão real que as instituições de ensino, por exemplo, tentam desqualificar e abolir como expressão linguística natural e legítima (SALOMÃO, 2011).

Ainda que as palavras evoluam, é possível notar algumas formas antigas que continuam em uso na língua, assim como palavras em desuso, mas que geram conflito com as formas atuais, ocasionando que muitos estudiosos e leigos afirmem que são erradas porque não têm o conhecimento que essas palavras existiram no léxico português inclusive fazendo parte da norma culta, o que pode ser entendido como o errado de hoje tendo sido o correto de ontem (NASCIMENTO; COSTA; SILVA, 2017).

Entende-se que, enquanto as gerações anteriores viam os dicionários como guardiões da correção linguística, a percepção é muito diferente hoje. A maioria dos

grandes dicionários agora se concentra em descrever a linguagem usada pelos falantes de uma língua, deixando de lado quaisquer possíveis objeções acadêmicas que eles possam ter.

No âmbito das diversas áreas de estudos da linguagem, aquela que pesquisa as mudanças que ocorrem nas línguas naturais pode ser a que mais pode gerar curiosidade e desperte o interesse das pessoas não especialistas. Prova disso é o espanto demonstrado comumente por pais e avós sobre o emprego que os filhos e netos fazem da língua; mas não apenas eles, mesmo os professores costumam relatar, frequentemente, sua estranheza em relação à forma como seus alunos se expressam nas avaliações, projetos, monografias, dissertações e teses.

Mesmo no contexto político existe desconforto sobre as mudanças linguísticas, chegando a haver propostas de leis e de decretos visando a garantia da norma que eles consideram ser a ideal para o emprego da língua portuguesa, tentando combater

o uso de palavras estrangeiras ou proibindo determinadas formas da língua nos documentos oficiais. Prova disso foi o projeto de lei de Aldo Rebelo, em 2001, proibindo o uso de estrangeirismos e do gerúndio nos documentos oficiais, por acreditar que essas formas eram possíveis indicadores da ineficiência da administração pública (VIOTTI, 2013).

Nessa esfera, cabe afirmar, de modo efetivo, que a sociolinguística não foi capaz de padronizar uma solução que superasse a antinomia proposta por Saussure (2012) de que a pergunta sobre o funcionamento da língua é conflitante com a pergunta sobre como a língua muda. Entende-se que o caminho para que essa questão seja superada passa pela concretização dos mecanismos da competência linguística ao condicionar os processos de variação e mudança, o que qualquer sociolinguista com razoável consciência dos desafios que seu programa de pesquisa implica deve admitir (LUCCHESI, 2012).

A noção científica sobre o fato de que as línguas passam por alterações consta desde o princípio da história da linguística moderna, pois essa área foi a que mais se ocupou, e ainda tem se debruçado, do fenômeno da mudança linguística. O termo técnico para essa área de estudos é Linguística Diacrônica, que se trata do estudo das línguas considerando as diferentes etapas da sua evolução. Ao contrário, os estudos sincrônicos dizem respeito às pesquisas dentro de um período ou estágio

específico de uma língua. Essa diferenciação foi sugerida por Saussure no início do século XX, sendo adotada ainda hoje (BODÊ, 2015).

Há, portanto, dois fatos pertinentes à linguística: o movimento sincrônico e o diacrônico e, conforme Saussure, “é sincrônico tudo quanto se relacione com o aspecto estático da nossa ciência, diacrônico tudo que se diz respeito às evoluções” (*apud* FREITAS; SANTOS; SOUZA, 2019, p. 02).

O termo diacronia foi introduzido por Ferdinand de Saussure com o objetivo de o “opor ao termo sincronia, sendo que o termo sincronia poderá ser, metodologicamente, a abreviatura de linguística ou perspectiva sincrônica e diacronia de linguística ou perspectiva diacrônica” (OSÓRIO, 2013, p. *online*).

Saussure aponta a seguinte distinção entre sincronia/diacronia:

A linguagem é um sistema em que todas as partes podem e devem ser consideradas em sua solidariedade sincrônica. Alterações que nunca ocorrem no bloco do sistema, mas em um ou outro de seus elementos, só podem ser estudadas fora dele. Sem dúvida, cada alteração tem sua repercussão no sistema; mas o fato inicial referia-se a apenas um ponto; não tem relação interna com as consequências que daí podem resultar para o todo. Essa diferença de natureza entre termos sucessivos e termos coexistentes, entre fatos parciais e fatos que afetam o sistema, proíbe que ambos sejam objeto de uma mesma ciência (SAUSSURE, 2012, p. 124).

Para entender, totalmente, o pensamento de Saussure sobre o sentido da dicotomia sincronia / diacronia é preciso compreender os conceitos que dizem respeito à outra dicotomia também criada por ele: a da *langue e parole* (língua e fala). Essa noção saussuriana se baseia no pressuposto de que as alterações só ocorrem na *parole* (fala) e não na *langue* (língua), podendo-se afirmar que sincronia e diacronia são fenômenos complementares (OSÓRIO, 2013).

Verifica-se que a linguagem é como um organismo natural e vivo que se encontra em constante evolução e, como os organismos vivos, ela nasce, cresce, se desenvolve, envelhece e morre, resultando em alterações tanto na estrutura como no sentido, além também do surgimento, do desuso de alguns vocábulos e da conservação de determinadas palavras. Mediante isso, é necessário destacar que as mudanças não implicam necessariamente eliminação das palavras que já existem, mas, contrariamente, ao mesmo tempo em que muitas pessoas mantêm as palavras nas suas falas, outras as incorporam ao seu cotidiano (NASCIMENTO; COSTA; SILVA, 2017).

Como organismos vivos, as línguas não poderiam ser estáticas, o natural é que se transformem no decorrer do tempo e, enquanto a sincronia observa o funcionamento das línguas, visando a funcionalidade do sistema, ela se identifica com a postura do falante. Essa complementaridade vem do fato de que cada sincronia corresponde a um determinado ponto de chegada de uma certa evolução que, isoladamente, cria uma nova sincronia (OSÓRIO, 2013).

As pesquisas diacrônicas se iniciaram a partir da segunda metade do século XIX, com os neogramáticos, passaram pelo estruturalismo e incluíram o gerativismo (SILVA, 2008) e, desse acontecimento, podem ser destacados vários pontos significativos. Primeiramente, a alteração acontece em modo contínuo e não afeta toda a língua, somente partes dela, mantendo sua estrutura essencial. O falante, geralmente, não nota esse processo, com exceção dos casos nos quais tem contato com falantes de gerações muito antigas ou com textos escritos em língua empregada no passado (BODÊ, 2015), como é o caso dos clássicos da literatura.

As mudanças linguísticas tendem a se propagar na fala cotidiana e informal dos grupos socioeconômicos intermediários e vão avançando na informalidade das falas de grupos mais privilegiados do sistema socioeconômico, chegando até as situações formais de fala e somente a partir daí, vão se manifestar na escrita (FARACO, 2005).

Assim, nota-se que as duas manifestações da língua – falada e escrita – passam por evolução, uma fazendo pressão sobre a outra e, por vezes, adiando ou provocando mudanças. No entanto, é realmente a língua falada que mais se altera no âmbito social e cabe à língua escrita fazer o registro dessa alteração (BODÊ, 2015).

Compreender e categorizar todos os fenômenos que envolvem as mudanças linguísticas é muito complexo e talvez demande uma nova ciência, pois nada revela mais a incapacidade da sociolinguística de incorporar a Faculdade da Linguagem em sua teoria da mudança que a sua falta de capacidade de criar uma nova teoria para a estrutura da língua e, vários conceitos da teoria da variação linguística se debilitam pela ausência de um suporte para a teoria da estrutura ou da competência linguística (LUCCHESI, 2012).

Exemplifica-se o pensamento de Lucchesi (2012) apontando a hipótese clássica de que o sujeito consolida o seu padrão de comportamento linguístico na

fase da adolescência e o conserva dessa forma durante toda a sua vida, com base na abordagem de tempo aparente, que é fundamental para o programa de pesquisa da sociolinguística (NARO, 2003).

Mediante a ausência de uma teoria da competência linguística que tenha condições de estabelecer alguma predição sobre esse problema, até mesmo para orientar pesquisas empíricas nesse sentido, a abordagem em tempo aparente fica gravemente afetada. Um outro problema relevante diz respeito à distinção entre um processo de variação estruturado e um processo de flutuação típico da fala; enquanto o primeiro seria um fenômeno de competência, o segundo seria restrito ao desempenho. “Em outras palavras, entre o acidente de performance e a variação estruturada, há uma zona nebulosa, em face da ausência de uma teorização consistente sobre a questão” (LUCCHESI, 2012, p. 796).

Permanecem críticas à teoria do estado da língua, conforme a proposta de Saussure há mais de cem anos, já que parece inexistir, de fato, algum tipo de estabilidade nas línguas vivas das sociedades em todo o mundo em nenhum momento da história, vindo desse fato a dificuldade de se falar em estabilidade do estado da língua. Em contrapartida, parece não haver dúvida de que, por meio da comparação entre diversos registros escritos, considerando-se longos períodos medidos em séculos, ocorreram mudanças significativas nas línguas, fato que tem ocorrido sempre que foram comparados registros escritos há poucos milênios (BODÊ, 2015).

Ter conhecimento da língua a partir da oralidade possibilita a todos nós, obter acesso aos processos que intervêm no idioma e é importante manter esses processos em mente, pois, tendo em vista o aspecto variacional da língua, nota-se que ela passa por mudanças de gradação histórica assim como em cada contexto no qual ela é empregada. Dessa forma, frente às questões relativas aos processos diacrônicos e sincrônicos, é impossível negar que, mesmo com o sistema estrutural da gramática, a língua que se usa para a oralidade passa por várias alterações que nem mesmo a gramática consegue dar conta (FREITAS; SANTOS; SOUZA, 2019).

Dessa maneira, uma das grandes diferenças entre a sociolinguística variacionista e a linguística estruturalista é o objeto. Na sociolinguística variacionista, o objeto de estudo é a fala, enquanto na estruturalista, os fatos da fala alcançam somente a substância material das palavras, não seu sentido, e, dessa forma, não se estabelecem como seu objeto de estudo. Outra diferença fundamental é o

entendimento da variação e das mudanças linguísticas, já que para os variacionistas as alterações vêm do comportamento social enquanto para os linguistas estruturalistas elas são internas ao sistema (SALOMÃO, 2011).

Diversamente do que sugerem o modelo saussureano e a gramática gerativa, que por sua vez, a linguística gerativa – ou gerativismo, ou ainda gramática gerativa – é uma corrente de estudos da ciência da linguagem que teve início nos Estados Unidos, no final da década de 50, a partir dos trabalhos do linguista Noam Chomsky, professor do Instituto de Tecnologia de Massachussets, o MIT. Considera-se o ano de 1957 a data do nascimento da linguística gerativa, ano em que Chomsky publicou seu primeiro livro, *Estruturas sintáticas*. Trata-se, portanto, de uma linha de pesquisa linguística que já possui 50 anos de plena atividade e produtividade. Para a sociolinguística variacionista as línguas não são esquematizadas como sistemas regulares perfeitos, ao contrário, elas se compõem pela maneira como os falantes as empregam nos seus discursos interpessoais e sociais. Em claro rompimento com as teorias linguísticas desenvolvidas desde o século XIX, os estudiosos da teoria da variação questionam a ideia de que a língua deve ser vista como um sistema estruturado homogêneo, em vez disso, eles propõem que a língua seja entendida como um sistema heterogêneo ordenado (VIOTTI, 2013).

Entende-se que esse novo entendimento da língua humana busca, então, compatibilizar duas ideias: uma, a de que a língua é uma estrutura inerentemente ordenada, como propunha Saussure; outra, a de que a língua é, também, inerentemente variável, inclusive quanto à semântica, como será tratado a seguir. A variação sistematiza, portanto, também pensa em ordenação.

4.1 Variação semântica

A semântica é a área da linguística que pesquisa o sentido e a interpretação das palavras, frases, textos, expressões e signos em certos contextos, analisando também as alterações de sentido pelos quais passam as formas linguísticas devido à passagem do tempo, aos diversos estratos sociais, ao espaço geográfico dentre outros (ILARI, 2001).

A língua, de maneira geral, em virtude, especialmente, de sua característica social e dos aspectos que a envolvem, como a história e a cultura do seu povo, o contato com falantes de outras línguas dentre outros elementos, tem muita

tendência a passar por mudanças. Entre os fatores suscetíveis de alteração, o mais propenso é o relativo ao significado das palavras, logo, o caráter semântico da língua que é o que oferece menos resistência às mudanças (SANTANA, 2009).

Tanto a metáfora (figura de linguagem que produz sentidos figurados pelas comparações) quanto a metonímia (figura de linguagem que emprega palavras fora de seu contexto semântico normal, em virtude da sua proximidade material ou conceitual com outra palavra) são especialmente produtivas no processo de alteração de sentido das palavras, restringindo ou expandindo o sentido de uma determinada palavra (ILARI, 2001).

Por meio do emprego desses recursos linguísticos ocorre o aparecimento da polissemia, na qual o novo sentido, qualquer que seja ele, não muda o antigo, ao contrário, ambos convivem lado a lado. A mesma palavra pode ser empregada alternativamente no seu sentido próprio ou no metafórico, no sentido restrito ou no sentido amplo, no sentido abstrato ou no sentido concreto. Na proporção em que a nova significação é atribuída à palavra, parece multiplicar-se e gerar novas palavras e conceitos, análogas na forma, mas diversas no valor (SANTANA, 2009).

Na frase: “Nossa, que manga extraordinária!”, o núcleo do sintagma nominal, o substantivo manga, pode adotar significados bem diversos, dependendo do contexto em que estiver inserido, porque o substantivo manga pode significar tanto um tipo de fruta como uma parte de uma peça de roupa; isso é o que se chama de polissemia, ou seja, vários significados. O valor semântico deste substantivo, portanto, será atribuído pelo falante da língua no momento da enunciação e o espaço geográfico no qual este discurso for produzido contribuirá para a interpretação dos sentidos do enunciado como um todo pelos interlocutores. Assim, se o espaço de enunciação for próximo a uma mangueira, ou uma banca com várias frutas em um supermercado ou feira, o sentido do substantivo manga será acessado pelo interlocutor, eliminando quaisquer outros sentidos possíveis (ARAÚJO, 2021).

A gramática normativa se ocupa fundamentalmente da semântica descritiva relativo ao estudo dos significados, não considerando a semântica histórica, o que pode dificultar o entendimento dos fenômenos que contribuem para que as palavras mudem de significado no decorrer do tempo. Pode-se considerar que a resistência que alguns linguistas apresentam em estudar os fenômenos semânticos pode estar ligada à proximidade estabelecida pela semântica entre a filosofia e a linguística (GODOIS; DALPIAN, 2010).

Não somente as palavras, mas também as raízes podem se tornar polissêmicas, resultando, muitas vezes, na perda do elo que existia antes entre os significados das palavras das quais uma raiz faz parte. Assim, é possível afirmar que esse aspecto polissêmico das raízes e das palavras aparece no momento em que o uso cada vez mais comum delas ocasiona o seu uso em sentido conotativo ou figurado – muitas vezes metafórico ou metonímico – em virtude da mudança de referente (SANTANA, 2009).

Pode-se concluir, diante disso que, em sua origem, uma raiz ou uma palavra não é polissêmica, o que equivale a dizer que elas se tornam polissêmicas de acordo com a maior utilização pelos falantes.

Os aspectos que modificam o sentido das palavras são estudados há muito tempo. Salústio, em *A conjuração de Catilina* (*apud* GODOIS; DALPIAN, 2010), ironicamente afirmou que as pessoas perdem o real sentido das palavras, porque ser dadivoso com os bens alheios chama-se generosidade, mas à insolência nos crimes chama-se bravura.

A mesma afirmação pode ser feita sobre a letra do Hino Rio-grandense, que aborda as façanhas durante a Revolução Farroupilha: “Sirvam nossas façanhas de modelo a toda a terra”. Nesta passagem, remetendo-se a Salústio, o real significado de façanhas também está perdido quando se incluem entre elas os negros nas frentes de batalha e a apropriação indevida (o verdadeiro sentido está oculto) de gado. A própria palavra revolução merece ser revista, já que o combate não veio do povo e sim de estancieiros, que defendiam seus interesses. Nesse contexto, vale a afirmação de Bréal (1992, p. 78 *apud* GODOIS; DALPIAN, 2010, p. 06): “É preciso ver o inevitável efeito de uma falsa delicadeza: dando nomes honestos às coisas que não o são, desonram-se os nomes honestos.”

Em outro exemplo, as palavras ânimo e animal, quando avaliadas sob um ponto de vista sincrônico, podem ser consideradas, de certa maneira, parecidas na forma. Os significados apresentados para elas por Antônio Geraldo da Cunha, no *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (2007), no entanto, não traz essa mesma semelhança: “animal adj. sm. ‘ser vivo organizado, dotado de sensibilidade e movimento’ ‘particularmente, em oposição ao homem, ser irracional’ / XIV [...] / Do lat. animal [...]. ânimo sm. ‘alma, espírito, mente’ ‘valor, coragem força’ XV. Do lat. *animus* –i [...]”. Esses dois vocábulos, entendidas por Cunha como não-cognatas,

são sim, no entanto, cognatas entre elas, porque têm origem em uma raiz latina “anim-”, significando ter vida (SANTANA, 2009).

Considerando-se que a língua é um organismo vivo e que passa por mudanças como outro qualquer ser vivo, é admissível chegar-se à conclusão que as palavras se aperfeiçoam constantemente, de maneira a atender as necessidades de todos que fazem uso dela. Diante disso, a significação das palavras não é estática, podendo se expandir ou se restringir, ou seja, adaptar-se.

Existe palavras que sofrem mudanças por sua própria natureza, podendo essas modificações estar ligadas “à restrição do sentido, à ampliação do sentido, à metáfora, às palavras abstratas e ao espessamento do sentido, à polissemia, aos nomes compostos e aos grupos articulados” (GODOIS; DALPIAN, 2010, p. 07).

Sem dúvida, o léxico de uma língua está sujeito a uma série de pressões que modificam seu significado ao longo da história. Os exemplos seriam muito numerosos e não caberiam neste trabalho, mas para servir, simplesmente, como mera evidência ilustrativa, cita-se o caso do banheiro, cujo significado não seria entendido da mesma forma por um homem do século dezesseis (que o entenderia como local para tomar banho) e por um do século XXI (que o entenderia como local para satisfazer as necessidades físicas). Isso justifica que a reflexão sobre o léxico de uma língua deva considerar também, juntamente com os aspectos sistemáticos e sincrônicos, as considerações diacrônicas sobre isso.

No entanto, a análise do léxico requer a combinação de ambas às abordagens, pois certas condições sincrônicas só podem ser reconhecidas uma vez que já tenham ocorrido, à luz das consequências diacrônicas que emanem delas; além disso, o pano de fundo de certas mudanças semânticas apenas pode ser detectado pelo estudo cuidadoso do estado da língua antes da mudança. Por todas essas razões, é necessária uma abordagem sincrônica e diacrônica que permita especificar uma série de questões que, de outra forma, teriam passado despercebidas (FERRAREZI JÚNIOR, 2013).

O problema está na concepção epistemológica em que se baseará o desenvolvimento metodológico de tais questões, uma vez que, embora a semântica moderna tenha abandonado a miragem de leis universalmente válidas e tenha se tornado a chamada semântica pansíncrona (que estudaria as características gerais da estrutura semântica, por exemplo, a relação entre polissemia e frequência de palavras) e semântica pandiacrônica (que estudaria extensivamente as formas de

mudança semântica predominante, como metáforas antropomórficas ou transferências do concreto ao abstrato), as propostas teórico-metodológicas da linguística objetual baseadas no paradigma realista da descrição formalista não esgotam a totalidade do objeto / sujeito estudado - o aspecto transcendental-, só apreensível através de propostas subjetivas mais próximas do paradigma da interpretação idealista (CANÇADO, 2012).

E, de fato, a palavra não é uma entidade estável, é a unidade linguística por excelência que captura com precisão a visão de cada sociedade e as pressões que a envolvem, em um processo de tensão dialética que a leva a evoluir variando seu significado ao longo do tempo. Isso leva a considerar as palavras como unidades interpessoais de linguagem (sinais de um sistema linguístico), que o falante usa para fazer sentenças nas quais as palavras referem-se a partes do mundo extralinguístico. No entanto, o fato de que o significado dessas palavras pode ser modificado, expandido ou restringindo-se ao longo da história, torna possível ver a utopia que significaria uma visão total da estrutura do léxico de uma língua, por si só, em dinamismo e amplitude (FERRAREZI JÚNIOR, 2013).

Uma vez incorporada ao vocabulário, essas palavras podem sofrer modificações ou alterações ou persistir ao longo do tempo, deixando de ser um neologismo. No entanto, ainda não é possível saber o que vai acontecer com os neologismos decorrentes da Covid-19, como será visto a seguir.

5 COVID-19, ESTRANGEIRISMO E OS NEOLOGISMOS.

Entre as todas as mudanças/adequações que o novo coronavírus alterou na vida e na rotina das pessoas está também a linguagem. Essa doença causou uma mudança cultural que afetou a comunicação globalmente. Dois mil anos se passaram desde que Pôncio Pilatos cunhou uma das frases mais famosas do Evangelho, quando afirmou que lavava as mãos para ignorar a condenação de Jesus Cristo. Não se poderia imaginar que essa expressão seria tão utilizada atualmente com o significado de prevenção do contágio.

Como todos os momentos históricos, a pandemia da Covid-19 mudou a maneira como as pessoas se expressam e de repente lembrou a todos algo que sempre foi óbvio para os linguistas: as palavras são mutáveis.

Durante as semanas em que as pessoas ficaram trancadas em casa, a linguagem não parava de se alterar: surgiram neologismos (como *covidiota*¹), termos que mudaram de sentido (*distância segura*) e palavras científicas que entraram na linguagem cotidiana (*isolamento*, *quarentena*). Em suma, o mecanismo de comunicação, graças aos meios de comunicação e da internet, evoluiu rapidamente e foram integrados ao cotidiano, termos que não existiam há pouco tempo, ou seja, a linguagem se esforça para acompanhar as mudanças.

Quando se trata de uma pandemia, a leitura que ocorre é a de mundo e não a regional, assim não é surpresa que expressões e vocábulos da World Health Organization – Organização Mundial de Saúde (OMS), uma instituição internacional, sejam adotados na sua língua original, em inglês, para a criação de decretos, leis e políticas públicas pelos governos em todos os países. Os neologismos, nesse momento de pandemia, em que são necessárias novas formas de expressão já que o fenômeno também é novo, surgem a todo momento (SOUZA, 2020).

O emprego de palavras e vocábulos técnicos como *contaminação*, *pandemia* e *vírus*; a criação de palavras como *cloroquiners* e *quarententers*; a utilização de gírias e memes como *covidiota* ou até a incidência de estrangeirismos como *lockdown* demonstram que a língua portuguesa tem se transformado durante a pandemia da Covid-19 e ainda deve passar por mais alterações (STOK, 2020).

Por conta da pandemia, em abril de 2020, o Dicionário Oxford, um dos dicionários mais respeitados do mundo, notou a necessidade de se atualizar

¹ Vocábulo usado para nomear os negacionistas (CAPOBIANCO, 2020).

extraordinariamente, tendo que incluir, de imediato, alguns verbetes como Covid-19 que, na sua versão *online* é definido como um novo tipo de coronavírus que foi mencionado primeiramente em 2019 e que, em seguida, tornou-se uma pandemia. A partir disso, o vírus não apenas se espalhou pelo planeta como criou um linguajar próprio, cheio de termos técnicos, mas também repleto de vocábulos criativos (CAPOBIANCO, 2020).

Da mesma forma que o Dicionário Oxford, também a Real Academia Espanhola (REA) passou a aderir aos neologismos criados em meio à pandemia, um exemplo é o vocábulo *covidiota* usado para nomear os negacionistas, refere-se ao pensamento daqueles que negam a realidade da pandemia de COVID-19 ou, ao menos, negam que as mortes não estão acontecendo da maneira, atualizando o Dicionário Histórico da Língua Espanhola, disponível *online*. O termo *covidiota* passou a nomear os indivíduos que desmereceram o isolamento social e mais, correram aos supermercados para fazer estoques até de papel higiênico com receio de ficarem sem o produto no início da crise da epidemia (CAPOBIANCO, 2020).

Para a Real Academia Espanhola (RAE), um reflexo dessa mudança cultural é que palavras como *pandemia*, *epidemia*, *quarentena*, *confinar*, *confinamento*, *hipocondria*, *assintomático* ou, claro, *coronavírus* aparecem nas posições mais altas das palavras pesquisadas atualmente no dicionário. Além de aparecerem juntas aos processos de busca, algumas ocupam um lugar nas listagens de busca pela primeira vez, como o *pangolim* (animal que, teoricamente, teria transmitido o vírus para os chineses).

Os usuários da língua têm se acostumado aos novos termos e estão se adaptando às mudanças de sentido, algumas vezes empregando as palavras como sinônimos, equivocadamente, como é o caso de *isolamento* e *distanciamento social*, utilizados com o mesmo significado. Por *isolamento*, entende-se que se deve ficar afastado de outras pessoas e que *quarentena* é o período desse afastamento. No início, muitos acreditaram que a *quarentena* seria de quarenta dias, pela proximidade entre os termos, mas *quarentena* significa período de isolamento imposto por algum motivo, sem tempo determinado (CAPOBIANCO, 2020).

Explicando de outra maneira, a *quarentena* é a restrição de mobilidade para quem possivelmente, ou certamente, tenha sido exposto ao vírus, mas que esteja assintomático; já o *isolamento social* é o afastamento da pessoa que estiver doente

de quem não foi infectado; enquanto o distanciamento é a providência tomada para diminuir o contato evitando a propagação do vírus (STOK, 2020).

Os meios de comunicação da Espanha informaram que na reformulação do dicionário foram acrescentados 715 termos, relativos a assuntos variados, em um total de 6.325. Entre esses termos, está o coronavírus e, em função dele, apareceram as palavras derivadas que a RAE procurou registrar, além da já citada *covidiota*. *Coronaplauso* foi outro termo acrescentado, relativo aos aplausos nas janelas das residências como forma de homenagear o trabalho dos profissionais essenciais, especialmente os da saúde, durante a pandemia. Essa palavra surgiu em um artigo publicado no *Epidemics and Global Health*, da Sociedade Espanhola de História da Medicina (EXTRA, 2021).

Com o desencadeamento da necessidade do distanciamento social, não demoraram a surgir expressões idiomáticas estrangeiras relacionadas ao mercado de trabalho, ao universo da socialização e ao estudo a distância e, junto com a pandemia, vieram outras palavras para tratar do combate e das decorrências da doença. “Quantas vezes não ouvimos a possibilidade de *lockdown*, querendo nos dizer que poderíamos ter o isolamento total? No setor econômico, ouvimos a expressão *circuit breaker*, que é um mecanismo que trava as operações na bolsa de valores em momentos de pânico no mercado” (REAL, 2020, p. *online*).

Nos últimos tempos, vimos que as palavras que eram usadas pelos trabalhadores em certas áreas entraram definitivamente na linguagem comum. Hoje falam com total normalidade de PCR (teste para detecção do vírus), surto familiar, cordão sanitário, isolamento social, EPIS e respiradores.

Com origem no idioma inglês, o vocábulo que mais assustou os cidadãos foi *lockdown*, que significa o total fechamento da cidade, com impossibilidade de locomoção, sendo permitido sair somente para atividades consideradas essenciais. Como houve muita polarização, a contenda entre quem defende o isolamento e quem não cumpre as regras poderia provocar importantes mudanças sociais e nem sempre seriam pacíficas, caso fosse implantado o *lockdown*. Em termos linguísticos, tomamos posse de alguma palavra que tenha origem de outra língua, buscamos no estrangeirismo, podendo haver um estranhamento inicial, mas em seguida ele é incorporado e aceito, pois as mudanças ocorrem tão rapidamente que não resta tempo para a tradução (STOK, 2020).

A própria palavra utilizada para explicar a inclusão dos neologismos referentes ao coronavírus se configura na atualização do dicionário, sendo ele próprio um neologismo; é o caso do *covidioma* que define o vocabulário criado durante a pandemia e que surgiu em junho de 2020 no jornal Última Hora, do Paraguai. A imprensa paraguaia também lançou o *corona-bebê*, enquanto *coronababy* foi utilizado pelo *New York Times* e pelo portal argentino de notícias *Infobae* em referência às crianças nascidas durante a pandemia de coronavírus (EXTRA, 2021).

As mídias sociais expõem embates reiterados entre os *quarenteners* e os *cloroquiners* – sendo os primeiros, aqueles que aderiram à recomendação de não sair de casa e os últimos são os aficionados ao tratamento preventivo com a desprestigiada hidroxicloroquina. No entanto, na prática, trata-se de designações disfarçadas para alimentar a velha e desnecessária briga entre esquerda e direita, no plano político (CAPOBIANCO, 2020).

Em relação ao estrangeirismo, listam-se, a seguir, alguns termos recentes procedentes da circunstância pandêmica e que foram recolhidos por Souza (2020):

- *lockdown* – no âmbito da pandemia, trata-se de um isolamento mais rígido que a quarentena, com a locomoção extremamente restrita;
- *takeaway* (britânico) ou *takeout* (inglês norte-americano) – traduzido como “para levar”, é a modalidade em que o cliente compra o produto, principalmente comida, mas a retira no próprio local e vai consumi-la em outro espaço, normalmente em casa. Não deve ser confundido com o termo *delivery*.
- *delivery* – é quando o cliente compra sem estar no próprio local da venda e o produto é entregue no endereço determinado pelo comprador.
- *fake news* - traduzido literalmente como notícias falsas, produzidas com a intenção de enganar, esconder, distorcer, desprestigiar ou até mesmo desviar o foco de um acontecimento para outro; vocábulo que ficou muito conhecido em virtude dos escândalos que envolveram as últimas eleições presidenciais no Brasil e Estados Unidos.

Os neologismos são processos de formação de palavras que ocorrem em todas as línguas modernas, com maior ou menos frequência. O dicionário de língua portuguesa *Houaiss* adicionou recentemente o termo *Covid-19* ao seu glossário, por exemplo, comprovando que a língua tende a se adaptar aos imperativos do ato comunicativo (SOUZA, 2020).

Em outro universo semântico, para quem continuou praticando exercícios em casa durante a quarentena, criou-se o termo quarenteino e há mais de 140 mil fotos publicadas no Instagram com essa *hashtag*, para mostrar os treinos mantidos durante o isolamento. Geraldo Carneiro, em seu pela *A coisa bela*, disse que cada idioma escolhe as afabilidades e deficiências que lhe competem. No caso da língua portuguesa, depois de mais de cem dias de isolamento social, uma das competências incidiu sobre a palavra “carentena” (no sentido de carência), vastamente utilizada pelos solteiros carentes de afeição (CAPOBIANCO, 2020).

Em outro contexto, aparentemente, o surgimento das várias gírias, jargões e memes sobre o coronavírus seriam tão inevitáveis quanto a reação contra eles. Ou seja, sempre haverá pessoas que não aceitam o humor sobre vírus, mortes e temas relacionados por considerarem isso uma ameaça à sensibilidade, fato que não impede que eles sejam criados.

5.1 Gírias, jargões e memes decorrentes da Covid-19

Durante as crises mais complexas, como a atual pandemia que vigora desde 2020, o humor pode funcionar como uma válvula de escape e de fortalecimento, mesmo que temporariamente, promovendo uma crítica mais positiva da realidade e uma passagem mais branda por cenários de crise. Então, as gírias, os jargões e os memes poderiam, em um nível talvez inconsciente, estar proporcionando novas oportunidades de comunicação, uma nova maneira de fazer arte, e também outras formas de se discutir filosofia e política. Em outras palavras, o humor e pela ironia são alternativas mais diretas, ou mais suaves, de propagar uma ideia ou de transmitir uma maneira de pensar, de expor uma reclamação ou de fazer uma exigência.

Nas redes sociais, as piadas se manifestam em forma de memes que tentam abraçar os estrangeirismos de maneira cômica, como o *lockdown* que foi chamado de tranca-ruas, bloqueio geral ou confinamento. Ao contrário, os termos em inglês parecem dar mais credibilidade à informação e a maioria dos países que não têm o inglês como língua oficial adotam os termos em inglês por esse motivo (STOK, 2020).

Embora muita coisa seja descartável, em relação aos neologismos humorísticos, outros elementos podem ser aproveitados, pois quando se dá nome

aos novos comportamentos, os neologismos possibilitam que se discuta sobre o assunto. Muitas vezes os neologismos são o resultado de brincadeiras com o idioma e também podem se constituir em instrumentos de ironia ou de críticas políticas.

Alguns deles são:

[...] alquingel – álcool em gel; confinastê: saudação yogue, vem de Namastê (o deus que habita em mim saúda o deus que habita em você) e tem como explicação: a pessoa confinada aqui saúda a pessoa confinada aí; coronga: apelido jocoso para o novo coronavírus; covidiota: pessoa que não segue as medidas recomendadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS); romófica: local de trabalho que virou o novo normal durante a pandemia (MENA, 2020, p. *online*).

Outros termos humorísticos criados em virtude da pandemia são: carentena – que designa os solteiros carentes de afeição durante o período de distanciamento social; cloroquiner – pessoa que ainda confia na hidroxicloroquina para o tratamento ou prevenção da doença; quarentener – pessoa que cumpriu as indicações médicas durante a quarentena e posta foto mostrando o que está fazendo; quarentreino - palavra bastante usada por aqueles que continuaram se exercitando em casa, mesmo com a pandemia (CAPOBIANCO, 2020).

Contudo, a maior parte dos neologismos de ocasião tem curto prazo de validade, de acordo com os estudiosos e terminará substituído pelas gírias, jargões e memes de outra nova situação excepcional, pois a língua, como o ser humano, encontra-se em contínua adaptação e os neologismos de agora vão passar, junto com a pandemia (CAPOBIANCO, 2020).

Certamente, serão os falantes que decidirão se as novas palavras acabarão sendo incorporadas ao léxico da língua portuguesa, embora algumas delas, como estar em ou passar a quarentena, são expressões que deverão permanecer por muito tempo.

6 CONCLUSÃO

A literatura consultada mostrou que a mudança linguística nunca acontece repentinamente, mas sempre começa a partir de um fato novo, de uma necessidade de se nomear algo que antes não existia. A mudança então se espalha de grupo para grupo, de estilo para estilo (por exemplo, do estilo mais prestigioso para o da linguagem comum) e de palavra para palavra.

Em qualquer caso, para que a difusão aconteça, é necessária uma comunidade linguística e, acima de tudo, uma interação direta entre os falantes. A pandemia da Covid-19 provocou um fenômeno transversal de difusão lexical em massa que ocorreu em um tempo muito curto, sem contato direto entre os falantes. No entanto, houve uma disseminação massiva dos novos termos.

O globalismo linguístico não é um evento novo, basta pensar nas palavras da culinária e da tecnologia da informação, mas sua extensão a partir de 2020 atingiu um pico sem precedentes em termos de velocidade e convergência de palavras em todo o mundo.

Neste ponto, cabe o questionamento sobre por quanto tempo essas palavras de emergência, esses neologismos, durarão no léxico coletivo. No entanto, é impossível prever, elas estarão presentes nas sociedades enquanto forem úteis. As palavras sempre evoluem, são usadas para descrever a necessidade do momento e sua continuidade ou não sempre será decidido pelos falantes, o que pode servir como sugestão para a continuidade da pesquisa: verificar, daqui a cinco ou dez anos, quais neologismos decorrentes da Covid-19 continuaram em uso.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Ieda Maria. **Neologismo**: criação lexical. São Paulo: Ática, 2007.
- ARAÚJO, Luciana Kuchenbecker. Semântica. **InfoEscola**, 2021. Disponível em: <https://www.infoescola.com/portugues/semantica/>. Acesso em: 01 jul. 2021.
- BASILIO, Margarida Maria de Paula. **Formação e classes de palavras no português do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.
- BASILIO, Margarida Maria de Paula. **Teoria lexical**. São Paulo: Ática, 2004.
- BODÊ, Ernesto Carlos. **Memória, mudança linguística versus recuperação em documentos de arquivo no longo prazo**. 2015. 211 fls. Tese (Doutorado em Ciência da Computação) – Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, 2015.
- BRAZ, Shirley Lima da Silva. Recepção linguística: o caso dos neologismos lexicais. **Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ**, 2003. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno13-20.html>. Acesso em: 25 jul. 2021.
- CAMPOS, Solange Maria Moreira de. Malabarismos lexicais na literatura: os neologismos visitam a sala de aula. **Anais do SIELP**, v. 2, n. 1, Uberlândia: EDUFU, 2012. Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/07/volume_2_artigo_277.pdf. Acesso em 31 jul. 2021.
- CANÇADO, Márcia. **Manual de semântica**: noções básicas e exercícios. São Paulo: Contexto, 2012.
- CAPOBIANCO, Marcela. Está em carentena? Como surgiram as gírias nascidas durante a pandemia. **VejaRio**, 17.07.2020. Disponível em: <https://vejario.abril.com.br/cidade/girias-pandemia/>. Acesso em: 25 jul. 2021.
- CORREIA, Margarita; ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. **Neologia em português**. São Paulo: Parábola, 2012.
- CRUZ, Alda Brito da *et al.* **Estudo da formação de palavras em português**. 2021. Monografia. (Pós-graduação em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Acre, Sena Madureira, 2021.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- FERRAREZI JÚNIOR, Celso. **Semântica, semânticas** – uma introdução. São Paulo: Saraiva, 2013.
- FREITAS, Carlos André Barroso de; SANTOS, Dênis Américo Correa dos; SOUZA, Everton de. Variação, mudança linguística e ensino de língua portuguesa: uma proposta para a formação de professores e ensino de língua portuguesa na escola. **Grupo Tiradentes**, 2019. Disponível em: <https://openrit.grupotiradentes.com/xmlui/bitstream/handle/set/2283/varia%c3%87%c>

3%83o%2c%20mudan%c3%87a%20lingu%c3%8dstica%20e%20ensino%20de%20l%20c3%8dngua%20portuguesa%20-%20uma%20proposta%20para%20a%20forma%c3%87%c3%83o%28unit-se%29.pdf?sequence=1. Acesso em: 27 jun. 2021.

GODOIS, Janette Mariano; DALPIAN, Laurindo. Semântica: um estudo diacrônico. **Disciplinarum Scientia** - Série: Artes, Letras e Comunicação, S. Maria, v. 11, n. 1, p. 1-22, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinarumALC/article/viewFile/746/693>. Acesso em: 30 jun. 2021.

GONÇALVES, C. A. Composição e derivação: polos prototípicos de um continuum? pequeno estudo de casos. **Domínios de Lingu@gem**, v. 5, n. 2, p. 62- 89, 2011. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/13644/8155>. Acesso em 18 jul. 2021.

ILARI, Rodolfo. **Introdução à semântica**: brincando com a gramática. São Paulo: Contexto, 2001.

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR STANDARDIZATION (ISO). **ISO 1087-2000: Terminology work – vocabulary**. Genève: ISO, 2000. Disponível em: http://www.iso.org/iso/catalogue_detail.htm?csnumber=20057. Acesso em: 12 jun. 2021.

KEHDI, Valter. **Formação de palavras em português**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2003.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 58. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

LUCCHESI, Dante. A teoria da variação linguística: um balanço crítico. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 793-805, maio-ago 2012. Disponível em: http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/volumes/41/el.2012_v2_t31.red6_1.pdf?/estudoslinguisticos/volumes/41/el.2012_v2_t31.red6_1.pdf. Acesso em: 10 jun. 2021.

LUCCHESI, Dante. **Sistema, mudança e linguagem**: um percurso na história da linguística moderna. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2004.

MENA, Isabela. Verbete Draft: o que são coronaspeck, covidient, zumping... **Projeto Draft**, 22.04.2020. Disponível em: <https://www.projeto-draft.com/verbete-draft-o-que-sao-coronaspeck-covidient-zumping/>. Acesso em: 25 jul. 2021.

MONTEIRO, José Lemos. **Morfologia portuguesa**. 4. ed. rev. e ampl. Campinas, SP: Pontes, 2002.

MURÇA, Giovana. 8 neologismos da atualidade para conhecer. **Revista Quero**, 19.03.2020. Disponível em: <https://querobolsa.com.br/revista/8-neologismos-da-atualidade-para-conhecer>. Acesso em 25 jun. 2021.

NARO, Anthony. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2003.

NASCIMENTO, Antônia Samara Souza do; COSTA, Tamara Cristina Penha da; SILVA, Robervania de Lima Sá. Variação e mudança linguística: as influências histórico-sociais no espaço geográfico. **Revistas Unama**, Universidade da Amazônia, v. 14, n. 2, dez. 2017. Disponível em: <http://revistas.unama.br/index.php/asasdapalavra/article/download/1003/pdf>. Acesso em: 12 jun. 2021.

NEOLOGISMOS da pandemia, como 'covidiota', são adotados pela Real Academia Espanhola. **Extra**, 28.04.2021. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/mundo/neologismos-da-pandemia-como-covidiota-sao-adotados-pela-real-academia-espanhola-24993206.html>. Acesso em: 25 jul. 2021.

NEVES, Flávia. Neologismo. **Norma Culta**, 2021. Disponível em: <https://www.normaculta.com.br/neologismo/>. Acesso em 25 jun. 2021.

OLIVEIRA, Patrícia Affonso de. A gramaticalização no processo de recomposição: os afixoides eco- e homo-. XVIII Congresso Nacional de Linguística e Filologia, Semântica e Terminologia, Rio De Janeiro: CIFEFIL, 2014. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xviii_cnlf/cnlf/02/003.pdf. Acesso em: 28 jul. 2021.

OSÓRIO, Paulo. Linguística diacrônica. **E-dicionário de termos literários**, 23.04.2013. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/linguistica-diacronica/>. Acesso em 30 jun. 2021.

REAL, Carla. A Covid-19 entrou em nossa vida e junto com ela inúmeras expressões em inglês, veja quais! **Instituto Federal de Alagoas**, 13.04.2020. Disponível em: <https://www2.ifal.edu.br/noticias/o-covid-entrou-em-nossa-vida-e-junto-com-ele-inumeras-expressoes-em-ingles-veja-quais>. Acesso em: 25 jul. 2021.

RESENDE, Priscila de. **A neologia em sala de aula**: análise de atividades da coleção didática Português – uma proposta para o letramento. 2014. 125 fls. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

SALOMÃO, Ana Cristina Biondo. Variação e mudança linguística: panorama e perspectivas da sociolinguística variacionista no Brasil. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 187-207, jul./dez. 2011. Disponível em: https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:DWAOI_7C74QJ:https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6137783.pdf+%&cd=11&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br. Acesso em: 28 jun. 2021.

SANTANA, Esther. Derivação parassintética. **Educa+Brasil**, 28.01.2021. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/lingua-portuguesa/derivacao-parassintetica>. Acesso em: 28 jul. 2021.

SANTANA, Messias dos Santos. Mudança semântica: condição para o não-reconhecimento de palavras cognatas em língua portuguesa. **Abralin**, 2009.